

# Esboços do Feminino: Procura do Materno?

MIGUEL GALLEGO ALVAREZ (\*)

## PRÓLOGO

*Mulher* tem-se tornado um plano sucessivamente alargado de uma semântica progressivamente complexa, hoje afirmação activa nas construções sociais, culturais, civilizacionais.

No oscilatório decurso da História, encontramos, de início, a égide do Matriarcado: nas generosas Vénus, expressão simbólica da preciosa dádiva da Fecundidade (pois que então seriam as mulheres as exclusivas detentoras do segredo da continuidade da espécie). O poder vai depois ser tomado pelos Homens, que passam a assumir a condução do Grupo, a estabelecer as suas regras, relegando à Mulher uma posição de subalternidade. No século passado assiste-se a uma revalorização, uma cada vez mais vincada presença no Mundo dos Homens – primeiro no Trabalho, nomeadamente no sector industrial (Operariado, e não deixa de constituir uma ironia que esta crescente importância tenha origem na exploração, pelos Homens, da mão-de-obra feminina, preferida porque mais barata), depois, numa participação social cada vez mais efectiva, cada vez mais reconhecida. Enfim, na Sexualidade: esta última libertação, em particular, conduziu, em certa medida, a uma desvalorização da Maternidade, principalmente pelo movimento Feminista – como se a emancipação de *Mulher* implicasse a renúncia a *Mãe*.

Actualmente, assistimos a um significativo regresso a valores e regras ditos tradicionais, salientando-se a Maternidade como um Projecto central do *Ser Mulher*, entendendo, Homens e Mulheres, que a construção do Feminino passa pelo Materno.

Mas, podemos dizer que se esgota nele?

## DO FEMININO

Feminino é qualidade de género, logo, algo que transcende a vicissitude biológica, inscrevendo-se no plano da Vivência e constituindo o âmago da Identidade Sexual.

A aquisição do género é, classicamente, inseparável do Desejo e da escolha do Objecto, logo, de uma Teoria sobre o Édipo, ainda que Freud tenha, num certo momento, referido, sem desenvolver, a ideia de que «traços sexuais mentais e escolha de objecto não coincidem necessariamente» (1920). A feminilidade seria uma construção edipiana, a partir de uma situação de um monismo fálico na Infância (Bleichmar, 1988).

Assim, Freud postula, na Menina, uma bissexualidade biológica. À partida preparada para a masculinidade, iria depois constatar a diferença anatómica entre os sexos (sentida como presença/ausência do pénis e subentendida como desvalorização) e elaborar a sua feminilidade pela procura do Pai através do Filho (Maternidade como *desforra*); dois outros destinos eram ainda

---

(\*) Psicólogo Clínico. Bolseiro da JNICT.

possíveis: a competição com o Homem (procura do Poder Fálico), conducente à Neurose ou à Homossexualidade, ou então a passividade, uma completa renúncia da sexualidade, espécie de suicídio da Mulher em Si.

A aquisição da feminilidade é, então, determinada pela mudança de zona erogénica (clítoris – vagina), numa passagem da masturbação (activa) para a receptividade (passiva), traduzindo a renúncia àquela o abandono, pela Menina, da sua masculinidade original.

Uma outra linha de pensamento emergente na literatura (Melanie Klein, 1932, Stoller, 1968) considera o género uma aquisição mais precoce, no seio das primeiras identificações à mãe, logo, anterior à (e independente da) escolha do Objecto (o que se quer ser antes do que se quer ter). Mais ainda, tal aquisição ocorreria no contexto de uma inicial feminilidade, pois que o primeiro modelo de identificação fornecido é feminino (Stoller, 1993). Esta situação torna a tarefa da Menina mais fácil, num primeiro momento, porém surgirá a contrapartida: na Relação com o Outro diferente, deve separar-se da mãe (enquanto objecto de desejo) mas não da sua feminilidade.

Assim, e de acordo com Bleichmar (1988), poderíamos considerar três etapas na construção da feminilidade. Uma primeira etapa, de «Identificação Primária», traduz a Relação idealizada com o primeiro objecto de Amor que é também, e sobretudo, o primeiro modelo de Identificação: a Mãe todo-poderosa. Um outro aspecto, igualmente crucial, é o das atitudes parentais. Tudo começaria pela atribuição do sexo do Bebê: para além do grau de satisfação parental que essa realidade (biológica) proporcione – decerto relevante no processo de constituição do Género – a sua designação assume, perante o neo-nato, um carácter de inquestionabilidade da pertença. Aliás, a própria ideia freudiana da bissexualidade sempre se baseou numa bipolaridade de Desejo, não do Género, não correspondendo o «perverso polimorfo» ao modelo do transsexual. Este processo foi antecipado pelas actuais possibilidades tecno-médicas, designadamente, pelo recurso à Ecografia. Para além disso, assistimos à edificação de uma teia comunicacional (irreduzível ao meramente verbal) que permitirá confirmar aquela designação. Destacamos, neste sentido, alguns marcadores de contexto como as

cores (Cor-de-Rosa vs. Azul) e em directa ligação com o «Exercício do Papel» (Stoller, 1968), os brinquedos (Boneca vs. Carro). Estas atitudes conduzirão a criança, desde logo, à construção de percepções ligadas ao seu sexo, as quais se tornarão representações à medida que cada experiência significativa se vá tornando, de facto, significada pela associação a sensação ou imagem (cada vez menos) vaga.

Para Bleichmar (Op. cit.) a atribuição constitui, aliás, o primeiro determinante do «comportamento de Género». Em caso de erro (resultante, por exemplo, de anomalia biológica – de expressão anatómica interna, ou hormonal), uma tentativa de correcção após os três anos de idade estará, em geral, condenada ao fracasso.

Temos então uma «Feminilidade Primária» surgida a partir das primeiras identificações e das primeiras imagens devolvidas por um espelho (Lacan) que, diríamos, se apresenta como duplo – espelho que devolve e que *se* devolve – permitindo supôr a existência, no final do primeiro ano de vida, de uma clara noção (ainda impensável) de género, e resultando, entre os 15 e os 18 meses, na diferenciação de um núcleo que pode ser designado por «Identidade de Género» e que representa o primeiro esquema ideoafectivo da posse *daquele* sexo (Bleichmar, Idem). O exercício do «Papel de Género» vai confirmar a «Feminilidade Primária», num processo identificatório que inclui a participação do Terceiro, na sua especificidade funcional e na sua condição de Diferente.

Uma segunda etapa compreenderia a descoberta, pela Menina, da diferença anatómica entre os sexos, perturbadora no plano narcísico: a mãe ideal, onnipotente (garante da sua própria onnipotência) torna-se uma mãe real castrada, desvalorizada. É a falência do «Ego Ideal feminino primário» (Bleichmar, Ibidem). Esta desilusão resulta num afastamento em relação à mãe e conseqüente aproximação ao Pai, na constituição do Édipo que anuncia, também, a procura de um novo Ideal. Tal processo é reforçado pelo Exterior, dada a persistência, social e cultural, de um falocentrismo masculino.

Por último, ocorreria uma «Identificação Secundária» com a Rival, traduzindo, a partir do Édipo, um processo de *cicatrização* narcísica e a procura de um novo sentido do Feminino, que Bleichmar designa por «Feminilidade Secundária».

ria». Esta é considerada uma dupla tarefa no plano narcísico: «reconstrução da feminilidade» e «narcisização da sexualidade», pois que a castração sentida pela Mulher recebe ampla confirmação do Real (no respeitante a muitos estereótipos e outras formas de consenso, activamente mantidas por homens e mulheres). Quanto à reconstrução da feminilidade, passaria pela constituição do «Ideal do Ego feminino secundário», uma estrutura intrapsíquica que tomasse o lugar (em termos funcionais) das Imagos parentais idealizadas, do Ego Ideal enquanto somatório de perfeições, os aspectos mais salientes seriam os do acesso a convenções sociais e da conformação à Moral. A «Identidade do Género» iria, portanto, consolidar-se durante a Latência através do exercício do «Papel do Género» (progressivamente ampliado), pela identificação com a Rival e por todo um processo de aprendizagens (cognitivo, social) activamente promovido pelo Meio. Ora a evolução Ego Ideal – Ideal do Ego é suposta ocorrer no contexto da passagem de uma auto-idealização total para uma gradual diminuição do narcisismo, o que não se verificaria para a Menina: não só tal diminuição seria brusca, espécie de *colapso*, como a reconstrução da feminilidade implica uma grande mobilização narcísica. A *reanimação e reconstituição* do narcisismo serão, então, conseguidas através da Heterossexualidade. Destaca-se, assim, o lugar do Homem no «Ideal de Ego feminino secundário», enquanto Objecto de investimento narcísico, considerando-se quatro alternativas: a «idealização do Objecto sexual», instituindo como objectivo central do Ideal do Ego tornar-se a mulher de um homem. Ou então a «localização do Ideal do Ego no Objecto», fazendo seus os ideais do Outro. Um terceiro caminho seria o da «constituição da masculinidade como Ideal do Ego», instituindo como objectivo central do Ideal do Ego a incorporação de traços convencionalmente considerados masculinos, referentes a Papéis e a direitos. Por último, poderia instituir como objectivo central do Ideal do Ego o desejo masculino, ou seja, o comportamento sexual do homem face à mulher.

Em Stoller (1968), encontramos uma conceptualização em duas etapas principais: a primeira, ego-sintónica e aconflitual – afastando-se aqui também dos autores de inspiração Kleiniana –

característica dos primeiros tempos de vida e comum a ambos os sexos. Compreenderia igualmente uma «Identificação Primária» à mãe e resultaria no «Núcleo da Identidade de Género», entendido como auto-percepção da pertença sexual, seria o ponto de partida para o estabelecimento da «Identidade de Género»: conceito mais amplo e contemplando a masculinidade e a feminilidade em cada pessoa, uma «convicção sobre o nosso Self e o nosso papel (Stoller, Op. cit.). O Núcleo da Identidade de Género» não teria quaisquer implicações de papel e/ou relacionais, inscrevendo-se no plano do Narcisismo. A sua constituição daria início a uma «Feminilidade Primária», no Menino e na Menina, faltando, contudo, outras qualidades do Feminino ainda inconcebíveis nesta fase pré-genital do Desenvolvimento – designadamente, o Materno, que implica a resolução do Édipo. A segunda etapa seria conflitual (imprescindibilidade de uma «tensão criativa»), decorrendo do Édipo e da inveja que Ihe é própria. Compreenderia o nível das «Identificações Secundárias», numa integração com as aquisições anteriores e implicando um enriquecimento da feminilidade – no sentido do que habitualmente consideramos como tal: toda uma gama de comportamentos que atestam a criação de sistemas internos que permitam lidar com os problemas e frustrações impostos pelo Real. O Pai teria, então, uma função de moderador nas relações com o exterior, de amplificador de um espaço interno de experiências, experiências do Desejo.

Deste modo, a construção do Feminino inicia-se com a Relação Dual, implica depois a separação e a individuação (Mahler, 1958) que permitem, por sua vez, a triangulação, único acesso a uma Feminilidade autêntica, genitalizada, cuja dinâmica assenta agora no conflito fantasia/Realidade, já não desejo/proibição. Pode ainda ser considerada uma terceira etapa na sequência daquelas duas, e característica da Adolescência: uma «Feminilidade Terciária» que tomará significado pleno de «Identidade Feminina» e incluirá, enfim, a Maternidade.

## DO MATERNO

Uma definição de Materno poderia ser «o território da mãe» (Brun, 1990). A Maternidade

pode também ser entendida como um «projecto a longo prazo (no mínimo 18 anos) envolvendo a suficiente prestação de cuidados e dádiva de amor que possibilitem um desenvolvimento sadio e harmonioso à criança recém-nascida» (Leal, 1990).

*Materno* compreende ainda a Relação com o Diferente, que será tão mais bem sucedida, quanto melhor tenha sido a separação do Igual, primeiro Objecto.

A Adolescência constitui-se como um paradigma de Desenvolvimento, de *desconstrução/reconstrução*: exprime, naturalmente, uma continuidade na história pessoal, e, ao mesmo tempo, representa a maior mudança – o abandono da Infância e a entrada na Idade Adulta, numa radical participação da corporalidade. A principal conquista da Rapariga, neste domínio, consiste na capacidade de se tornar, enfim, igual à sua mãe, na vertente criadora, afirmativa do *Ser Mãe*. Tal implica o abandono de configurações relacionais pela dependência/posse do Objecto, dando lugar ao amor heterossexual adulto. Para que isto seja possível, é necessária a reelaboração do «conhecimento da vagina», na sua duplicidade funcional (Brun, 1990): «materna» (geradora) e «feminina» (genitalizada).

A relação com o Materno, então revivida e reelaborada, surge (de novo) como ponto de partida para novas Relações (com novos Diferentes) numa consolidação da autonomia. Assim, a reconstrução interna do Materno assume-se como condição essencial para o acesso a uma nova dinâmica, a da complementaridade entre os sexos.

Para além da complementaridade anatómica, uma complementaridade efectivamente funcional.

Para além da incorporação infantil, ou antes mesmo do acontecimento Gravidez (na acepção mais factual) a possibilidade *real* da criação, numa reorganização interna que inclui já, também, o confronto com a imagem sexuada, completa, de Si e do Outro original.

#### BIBLIOGRAFIA:

Bleichmar, E. (1988). *O feminismo espontâneo da histeria. Estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Brun, D. (1990). *La Maternité et le Féminin*. Paris: Denoel.
- Freud, S. (1920). *Psicogénese de um caso de homossexualidade feminina*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1933). *La Femenilidade*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Klein, M. (1932). *El Psicoanálisis de Niños*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.
- Lacan, J. (1964). Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina. In *Les Écrits*. Paris: Éditions du Seuil.
- Leal, I. (1990). Nota de Abertura. *Análise Psicológica*, VIII(4), 365-366.
- Mahler, M. (1958). On two crucial phases of integration of the sense of identity: separation – individuation and bisexual identity. *J. A. P. A.*, 6.
- Stoller, R. (1968). *Sex and Gender*. New York: Jason Aronson.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade. Apresentações do género*. Porto Alegre: Artes Médicas.

#### RESUMO

Actualmente, assistimos a um significativo regresso a valores e regras ditos tradicionais, salientando-se a Maternidade como um Projecto central do *Ser Mulher*, entendendo, Homens e Mulheres, que a construção do Feminino passa pelo Materno. Mas, podemos dizer que se esgota nele? A partir de uma revisão de alguns conceitos, na literatura, são apresentados algumas linhas de reflexão sobre o Feminino e sua ligação ao Materno.

#### ABSTRACT

We can witness, nowadays, a significant return to values and rules usually considered as traditional. We find motherhood as a central Project of *Being Woman*, both Men and Women considering that the construction of Feminine is made through Maternal.

But, can we say that ends in it?

From a revision of some concepts in literature, we present some remarks lines about Feminine and it relatedness to Maternal.

#### RESUME

Nous assistons, actuellement, au retour significatif des valeurs et règles dites traditionnelles. Il se relève la

maternité, autant que project central *d'être femme*, en comprenant, Hommes et Femmes, que la construction du Féminin passe par le Maternel. Cependant, est ce que nous pouvons dire qu'il se termine dans ce

Maternel? En partant d'une révision de quelques concepts, dans la littérature, nous présentons quelques lignes de réflexion sur le Féminin, bien que son rapport au Maternel.